

Entre o caboclo e o cosmopolita: uma análise discursiva de Irerê, de “histórias do rio negro”¹

Déborah Almeida Rabelo
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O artigo se propôs a analisar questões relacionadas à construção identitária da personagem Irerê, presente em 3 contos da obra *Histórias do Rio Negro*, de Vera do Val (2007). Utilizando como referencial teórico estudos concernentes à Análise de Discurso, foram exploradas as nuances da personagem, que oscila entre os discursos caboclo e cosmopolita, transformando-se de curuminha retraída em madame deslumbrada da Ponta Negra.

Palavras-Chave: Vera do Val; Histórias do Rio Negro; Análise do Discurso; Caboclitude; Cosmopolitismo.

Abstrac

This article proposes an analysis of questions related to the process of Irerê's identity construction, a character that is presented in three tales of *Histórias do Rio Negro*, by Vera do Val (2007). The theoretical support used come from the Discourse Analysis' studies, exploring the character's nuances, that oscillates between the caboclo and the cosmopolitan discourse, transforming a shy curuminha into an extravagant lady of Ponta Negra.

Keywords: Vera do Val; History of Rio Negro; Discourse Analysis; Caboclitude; Cosmopolitanism.

Introdução

Para Freire (2013), a matriz identitária da cidade de Manaus possui dois discursos fundadores²: o caboclo e o cosmopolita. Ao caboclo, podemos associar o meio ambiente e a biodiversidade; ao cosmopolita, a Belle Époque, a Zona Franca e a Manaus enquanto subsede da Copa do Mundo de 2014. É com base no jogo entre essas duas estéticas que é fundado o discurso do sujeito manauara, buscando um equilíbrio entre os referidos discursos.

1 Trabalho desenvolvido na disciplina Análise do Discurso, do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas, sob orientação parcial do Professor Dr. Luiz Carlos Martins de Souza.

2“Por discurso fundador, entendo os discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo de um povo” (FREIRE, 2013)

Essa multiplicidade identitária fragmenta, gera crise. Quando não é possível estabelecer esse jogo de dupla identidade, o indivíduo recai a extremos, seja o pastiche ou o exótico.

A dosimetria é fundamental para que se faça sentido aqui. O símbolo de Manaus na Copa é um bom exemplo. Há a bola da copa (o cosmopolita), ladeada por duas folhas (o caboclo) [...] Outra cena comum é ver locais em fábricas e instituições serem batizados com nomes de rios, árvores, animais ou frutas regionais (FREIRE, 2013).

A partir da Análise do Discurso é possível encontrar subsídios para abordar a linguagem de textos literários, para compreender funcionamento dos discursos. Os sujeitos são seres sociais constituídos historicamente, “o sujeito do discurso não é uma pessoa, alguém que diz alguma coisa; trata-se antes de uma posição que alguém assume, diante de um certo discurso” (AMARAL, 2013, p. 134). A AD, portanto, parte da materialidade linguística para se chegar aos discursos.

Em *Histórias do Rio Negro*, Irerê está inserida em um conflito de identidades, que acabam por se influenciar mutuamente. Trata-se de um peculiar aspecto da globalização, que modifica a forma de agir dos sujeitos contemporâneos, divididos em um jogo esquizofrênico composto por aspectos da modernidade e de sua identidade local. Tendo em vista esse conflito identitário, analisaremos as transformações sofridas e causadas pela personagem cabocla Irerê.

Histórias do Rio Negro

Após conceder à paulista radicada na Amazônia Vera do Val a vitória no concurso “Prêmios Literários da Cidade de Manaus” na categoria conto, *Histórias do Rio Negro* transformou-se em livro e foi publicado em 2007 pela Martins Fontes. No ano seguinte, a obra lhe rendeu o primeiro lugar no Prêmio Jabuti, considerado o mais importante prêmio literário do Brasil.

Segundo a própria autora, *Histórias* diz das pessoas, de lugares, fala de desejos, solidão, encantamento (ROSA, 2008). Composto por 26 contos, tem como espaço e personagem marcantes o Rio Negro, que ora empresta as suas margens para o desenrolar das histórias; ora assume uma faceta sedutora enquanto boto ou avassaladora enquanto destrói indivíduos e paisagens com a força das suas águas.

Dos 26 contos, 12 trazem no título nomes próprios e 4 se referem diretamente a personagens específicas, como “A cunhã que amava Brad Pitt” e “Piabeiros”. É como se o

leitor fosse convidado a conhecer em detalhes os aspectos de cada figura que, com seus costumes e vivências, compõe esse cenário ribeirinho.

Uma peculiaridade da obra é a transição de personagens entre os contos, o que acaba por conferir certo aspecto de romance – “fragmentado, é verdade, mas em perfeita consonância com a multiplicidade de aspectos da vida” (KRÜGER, 2013, p. 44). Essa transitoriedade é importante para a nossa análise, visto que Irerê nos é apresentada em três contos: *Curuminha*, *Velho Nabor* e *Irerê*, respectivamente. Em cada conto, tomamos conhecimento de diferentes aspectos da sua vida, desde a origem indígena até a transformação em madame deslumbrada do bairro da Ponta Negra, reduto da elite manauara.

Curuminha

No primeiro conto, Irerê é apresentada como uma curuminha³ que, perambulando pelas margens do rio Negro, é possuída por um “homem que sai das águas, nu e moreno, faíscas do Negro na pele” (VAL, 2007, p. 70); trata-se do Boto.

De acordo com a lenda, o boto pode transformar-se em um homem elegante ou em uma mulher atraente, irresistíveis ao sexo oposto (assim as mulheres que foram encantadas pelo boto engravidam e dão à luz aos filhos normais, fazendo com que se atribua ao boto muitos filhos sem paternidade reconhecida) (RODRIGUES, 2008, p. 8).

Irerê, ainda que seja a protagonista do conto, encontra-se num papel de submissão ao sensual, insinuante e macho rio Negro (VAL, 2007). É violentada e, após gemidos e murmúrios, abandonada no recolher das águas.

Um ponto a se destacar é o de que, neste conto, essa curuminha não é nomeada. Apenas a partir da leitura de *Velho Nabor*, páginas à frente, é possível constatar que se trata de Irerê. Aliado a essa não-nomeação, o estereótipo de sensualidade e disponibilidade para o sexo que acompanha as mulheres caboclas desde os tempos de colonização torna possível a identificação desse episódio do boto como passível de ocorrer com qualquer outra curuminha.

Não há uma característica específica, algo que individualize Irerê. Ela é inserida em uma generalizada massa de curuminhas, da mesma forma que discursos ocidentais comumente referem-se a indígenas como um único grupo, em detrimento das distintas etnias

3 Do masculino **curumim**: “palavra de origem tupi, e designa, de modo geral, as crianças indígenas”. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/curumim/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

existentes. Esse discurso generalizante tem origens históricas, visto que grupos indígenas – possuidores de autodenominações carregadas de significados referentes a traços físicos ou informações geográficas das tribos – ao serem colonizados pela expedição de Cristóvão Colombo, foram rebatizados como simplesmente “índios”, legitimando a suposta chegada às Índias (NEVES, 2007).

Esse rebatismo de quem já possuía nome e essa (tentativa de) homogeneização de especificidades originaram novas formas de subjetivação, solidificando uma memória social que ainda hoje, intencionalmente ou não, perpetua o discurso generalizador sobre o indígena.

O primeiro conto nos apresenta uma curuminha que “traz na boca o gosto do cajá, nos olhos os igarapés, no andar a onça pintada” (VAL, 2007, p. 69), vaga às margens do rio Negro, é devorada e abandonada pelo Boto. É uma Irerê completamente imersa no discurso caboclo.

Velho Nabor

Apesar de trazer no título a referência ao comerciante Nabor, este conto nos apresenta uma maior riqueza de detalhes sobre Irerê, agora identificada pelo seu nome. Tomamos conhecimento de que a curuminha cresceu e transformou-se em menina, “bem feitinha, mas não passava dos quinze anos” (VAL, 2007, p. 77) e tornou-se o centro das atenções nas bandas do Uruí, por ter enrabichado-se com o velho comerciante.

Quanto à sua origem, é relatado apenas que “nascera em noite sem lua, à beira do Negro, e fora criada pela gente da vila, sem léu nem créu. A mãe, cunhã sacudida, sumira rio abaixo, aninhada em um barquinho de pesca; do pai nunca se teve notícia” (VAL, 2007, p. 77). O episódio do conto anterior, em que fora possuída pelo Boto, rendeu frutos. A curuminha engravidou e deu à luz uma criança franzina, que não vingou. Irerê retomou então o seu costume de vagar sem rumo certo.

A sua sensualidade é trazida novamente à tona, visto que costumava se relacionar com diferentes homens, sem nunca envolver-se emocionalmente, apenas saciando as suas vontades e recebendo em troca um presente ou um prato de comida. Essa situação se inverte quando ela cai na conversa do Velho Nabor, “que vinha uma vez ao ano trazer quinquilharias e notícias da cidade grande” (VAL, 2007, p. 77) e junto com seu irmão Samir – mais introvertido e circunspecto – possuía uma grande loja na capital. O velho encantou-se por Irerê, que já rondava o seu barco, e começou a presenteá-la com pequenos objetos.

Um ponto importante da história é quando Irerê, no barco de Nabor, “encontra, perdida entre as caixas, uma revista daquelas de capa brilhante, cheia de fotografias de mulheres lindas e loiras com sorrisos em que não faltava dente, vestidos cintilantes e pernas compridas” (VAL, 2007, p. 79). Trêmula e ofegante, ela se deslumbra com aquelas mulheres, aqueles traços e aquelas vestimentas, tão distantes do que ela possuía e conhecia. É nesse momento que se estabelece uma tensão entre os discursos caboclo e cosmopolita, pois nasce em Irerê o desejo de pertencer àquele mundo.

Aproveitando-se do seu fascínio, Nabor a seduz descrevendo a vida da cidade grande, ao ponto que “ela ouvindo o corpo todo, tão atenta e embevecida que nem sentiu os dedos dele que lhe procuravam as partes até que, com um piar de passarinho, lhe abriu as pernas e o velho roncou naquela maciez toda, até vazar em um resfolegar asmático e cair adormecido” (VAL, 2007, p. 80).

Nabor retorna à cidade já acompanhado de Irerê. A relação dos dois assemelha-se a um acordo, visto que em momento algum há referência a envolvimento amoroso, apenas a relações sexuais, que consistiam na parte do trato que cabia à índia cumprir. É uma continuidade do padrão de relacionamentos que Irerê costumava estabelecer.

A cabocla foi apresentada a Samir, que a princípio se opôs à presença dela, mas logo cedeu ao ver a felicidade que essa nova situação proporcionava ao irmão. Após ser acomodada na residência da família, foi

[...] se acostumando aos luxos, se espalhando pelo espaço [...] foi se apossando da casa [...] quando Nabor se apercebeu, ela tinha ares de dona e [...] encafifou de aprender a ler; trouxe o professor do liceu e [...] o mestre disse que era muito boa nas contas” (VAL, 2007, p. 82).

Irerê, que sempre vagara sem rumo, se aproximando aos poucos, rondando feito bicho, começara a se impor à medida que se integrava ao ambiente cosmopolita.

Nabor e Samir “sempre tinham dividido tudo, desde o primeiro rolemã até os carinhos da mãe; desde os negócios da loja até os favores no puteiro” (VAL, 2007, p. 82). Irerê logo tornou-se o novo objeto a ser compartilhado pelos irmãos, que se revezavam religiosamente nas idas à sua cama – sem esquecer as “folgas” que ela recebia aos domingos e dias santos. Mais uma vez encontramos a personagem em meio a uma relação que mais se assemelha a um trato comercial, porém em vez de negociar, agora ela é negociada.

Dois anos depois, ela engravidou e nasceu Ozair, parecido com os dois irmãos comerciantes, que trataram de dividir igualmente também a paternidade da criança. Mais uma

vez, Irerê é apresentada predominantemente de forma passiva, sempre em subordinação ao masculino: antes Rio Negro, agora Nabor e Samir.

Irerê

Neste conto, há uma reviravolta na postura de Irerê. A cabocla retraída e subserviente torna-se passado, dando lugar a uma mulher imponente. O próprio título do conto oferece a primeira pista de que houve uma mudança: não se trata mais uma curuminha sem nome ou de uma menina que é apresentada à sombra de um homem; é uma mulher que impõe sua altivez e assume uma posição de destaque no conto e de comando nos acontecimentos de sua vida.

Agora aos 30 anos, chefiava a casa e a loja, ambas reformadas para se adequar ao novo gosto moderno da madame. A mudança fora radical, a começar pela aparência de Irerê:

Era um fazer compras, ficar elegante; o cabelo escorrido de índia ganhou um alourado e um cacheado igual de artista da TV; o guarda-roupa precisou de mais um quarto, que nos armários que tinha não cabia mais nada. Quem visse Irerê não reconhecia. E malhação era com ela mesma. A moça se cuidava. Meteu-se em academia, vivia de pedicuro e manicuro; enfim, educou-se. [...] Botava-se nos trinques; anel de brilhante no dedo, uma penca de correntinha de ouro com meia-lua e figas penduradas, brinco cheio de pingente; soltava a cabeleira, pouco braço para tanta pulseira, um conjuntinho cor-de-rosa da melhor butique da cidade, mal cabendo na calça agarrada, e lá ia ela para as caridades, que isso era coisa de madame. Com um tempo meteu-se em um carrão importado e escondia-se atrás de uns óculos escuros maiores do que ela (VAL, 2007, p. 87-88).

O fascínio causado pelas mulheres das revistas que ela encontrara anos antes no barco de Nabor crescera ao longo do tempo, até o momento em que Irerê pôde (tentar) transformar-se em uma delas. Entretanto, a sua transformação foi desenfreada, exagerada, distanciando-se do modelo estético exibido nas revistas.

A casa e a respectiva localização logo tornaram-se antiquadas aos seus olhos, e o novo desejo era de “arranha-céu, edifício alto com nome pomposo, de vidros azuis que faiscavam ao sol do meio-dia, elevador, *playground*, tudo o mais a que tinha direito” (VAL, 2007, p. 88). Para a decoração do novo apartamento, situado no bairro da Ponta Negra, uma decoradora foi contratada para proporcionar ares modernos:

As cortinas de seda, em profusas camadas *ton sur ton* deviam sempre permanecer fechadas, quem quer paisagem de rio de floresta? Isso era coisa para se esquecer. Pelos cantos, palmeiras e bambus artificiais, importados da China, pois planta só de plástico, não dá trabalho e é muito mais chique. Rede, nem pensar, *era coisa de índio*. [...] Ar-condicionado gelando tudo [...] Irerê viveria na sua Miami particular, que isso era modernidade, e ela fazia questão (VAL, 2007, p. 89-90, grifo nosso).

Enquanto Irerê sentia-se cada vez mais maravilhada e adaptada aos novos hábitos, Samir e Nabor se acabavam em tristeza, desconfortáveis com o apartamento e com as decisões da ex-curuminha. O primeiro irmão um dia “amanheceu duro na cama, de olho ainda fechado como se não quisesse dar trabalho para ninguém. Vivia desesperançado, não encontrava lugar, tinha saudade da loja e do cantar dos grilos, da casa antiga” (VAL, 2007, p. 92); enquanto Nabor, que voltara a viver na antiga casa – com a companhia apenas de uma empregada designada por Irerê – passava dias chorando, até ser “encontrado morto, embaixo do cajueiro do quintal com as últimas lágrimas ainda molhando o lenço que agarrava nos dedos” (VAL, 2007, p. 92).

E desse modo, “com Nabor Irerê enterrou o resto das suas lembranças, botou uma pedra pesada em cima. Nabor e Samir, sepultados lado a lado, como tinham passado a vida” (VAL, 2007, p. 93).

Conclusão

A partir da análise desenvolvida neste trabalho, foi possível situar Irerê em meio ao conflito existente entre os discursos caboclo e cosmopolita, que norteia o sujeito manauara. A esse indivíduo fragmentado, cabe prender-se a um dos extremos ou viver buscando o equilíbrio. Irerê inicia sua trajetória inserida na caboclitude, transformando-se até assumir, a todo custo, o discurso cosmopolita para si. À medida que anula a sua identidade indígena, torna-se imponente e detentora de prestígio social. Ao final do último conto, nos deparamos com uma Irerê que se refere pejorativamente a hábitos indígenas, como se não fizessem parte da sua origem. Portanto, esse desejo desenfreado de pertencer ao ambiente urbano acaba por levá-la ao extremo pastiche, de simulacro, de cópia malfeita do outro (SOUZA, 2005).

Referências

AMARAL, Luciano. Estudos do discurso: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial. 1 ed. 2013.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em:
<<http://www.dicionarioinformal.com.br/curumim/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

FREIRE, Sérgio. A dupla fundação de Manaus. Amazônia Real, nov. 2013. Disponível em:
<<http://amazoniareal.com.br/a-dupla-fundacao-de-manaus/>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

KRÜGER, Marcos Frederico. As histórias de Vera do Val. Revista Valer Cultural, Manaus, ano I, n. 6, ago. 2013. Disponível em: <<https://www.magtab.com/leitor/713/edicao/5773>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

NEVES, Ivânia dos Santos. A invenção do índio: ideologia e história. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso – III SEAD, 2007, Porto Alegre. Anais Eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Comunicação. Disponível em:

<[http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Comunicacoes/IvaniaDosSantosNeves.pdf)

[Comunicacoes/IvaniaDosSantosNeves.pdf](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Comunicacoes/IvaniaDosSantosNeves.pdf)>. Acesso em: 16 dez. 2014.

RODRIGUES, Angélica Lúcia Figueiredo. O boto na verbalização de estudantes ribeirinhos: uma visão etnobiológica. Belém, PA: 2008. Apresentada como Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria de Pesquisa do Comportamento, 2008. Disponível em:

<[\[MESTRADO/DissertAngelicaRodrigues2008.pdf\]\(http://www.ufpa.br/ppgtpc/dmdocuments/MESTRADO/DissertAngelicaRodrigues2008.pdf\)>. Acesso em: 28 dez. 2014.](http://www.ufpa.br/ppgtpc/dmdocuments/</p></div><div data-bbox=)

ROSA, Carlos Pessoa. Entrevista a Vera do Val, prêmio Jabuti 2008. PICICA - Blog do Rogelio Casado, out. 2008. Disponível em:

<<http://rogeliocasado.blogspot.com.br/2008/11/entrevista-vera-do-val-prmio-jabuti.html>>.

Acesso em: 19 dez. 2014.

SOUZA, Luiz Carlos Martins de. O norte apagado: algumas formas de materialização discursiva do silenciamento do indígena e do caboclo da Amazônia brasileira. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso – II SEAD, 2005, Porto Alegre. Anais Eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Simpósio. Disponível em:

<[http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/LuizCarlosMartins.pdf)

[SIMPOSIOS/LuizCarlosMartins.pdf](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/LuizCarlosMartins.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2014.

VAL, Vera do. Histórias do Rio Negro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.